



Domingo da Ressurreição – Páscoa (11/04/04)

1ª leitura – Atos 10. 34-43

O recorte de hoje designado para esta celebração da Páscoa é o sermão de Pedro, na casa de Cornélio, centurião romano. A viagem de Pedro a convite de Cornélio e sua recepção na casa deste e a introdução à pregação são preparadas pelo Espírito Santo. Nos episódios anteriores (ver 10.1ss.), o Espírito Santo atua em Cornélio e, ao mesmo tempo, em Pedro, aproximando-os para o momento decisivo, função sugerida com respeito ao Espírito Santo pelo título de um livro do Bispo John V. Taylor, *"The God Between God"* (Deus que faz mediação).

Vs. 34ss - "reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas"... para anunciar o Evangelho aos que eram de fora da família de Israel. A imparcialidade de Deus tem seu respaldo em Dt 10.17; 2Cr 19.7 e Jó 34.19, onde se afirma que Deus não faz justiça de acordo com as condições sociais, raciais e econômicas, referindo-se ao perigo da corrupção dos tribunais. Essa imparcialidade divina é interpretada para questão da ação universal de Deus voltada para tornar as pessoas justas diante dele devido à total incapacidade humana por si só de se apresentar justo perante Deus (Rm 2.11) e, também, aplicada para a questão do relacionamento entre escravos e senhores (Ef 6.9, onde exorta os senhores a não tratar mal os escravos, porque Deus não faz acepção de pessoas).

A ação missionária fora dos limites do povo judaico e de sua cultura exigia o reconhecimento de que, na cruz e na ressurreição de Jesus Cristo, a barreira de inimizade entre o povo santo e o povo não-santo havia sido derrubada (cf Efésios 2.13ss.). Esse cruzamento da fronteira é apresentado na forma de visão de Pedro, (ver At 10.11ss.). Na verdade, em Jesus Cristo a santidade de Deus não é distanciamento por parte Dele, mas é sua aproximação. Tanto assim que Jesus fala a respeito de Deus em termos de misericórdia. "Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai" (Lc 6.36), que é uma espécie de interpretação do Levítico 19.1, "sereis santos, porque sou santo".

Em seu ministério após o Batismo (resumido nos vs. 37ss) Jesus se aproximou dos considerados impuros, excluídos da comunidade "santa" e os acolheu. Em tudo isso, Ele agiu como se aproximasse o reinado vindouro de Deus e por isso foi julgado blasfemo, maldito (pendurado no madeiro) pelas autoridades religiosas. Porém Deus o ressuscitou e o Senhor fez da vítima inocente (ver as palavras dirigidas às autoridades, em 4.10ss.vós crucificastes, 3.13ss), o Juiz de todos (10.42). Não se trata de simples inversão no sentido de que a vítima inocente ressuscitada está diante de seus juizes que a condenaram pela proclamação apostólica (o sinédrio, 3.5ss). É isso e muito mais, no sentido de que a vítima inocente e agora Juiz não só andou fazendo o bem, mas na cruz orou pelo perdão de seus inimigos (Lc 23.34). O teor do sermão em Jerusalém aponta, de um lado, para o gravíssimo fato da crucificação, e, de outro, para a presença do Ressuscitado não para retaliar, mas para perdoar. O perdão está em confiar na vítima inocente. Em poucas palavras, é o fim do círculo de



vingança e retaliação. Em consequência de tudo disso, há, na ressurreição de Jesus, uma nova percepção de Deus e da humanidade em ação concreta no cruzamento da fronteira para a proclamação do Evangelho. Essa proclamação não é uma novidade arbitrária. Ela pode ser respaldada pelo testemunho do Antigo Testamento é o que Lucas nos apresenta.

O sermão de Pedro, no contexto da celebração pascal, nos leva a dar graças a Deus pela derrubada de muros de inimizade entre Deus e as pessoas e entre elas mesmas - o que denominamos de pecado e morte. E nos traz a pergunta: que fronteiras e obstáculos temos de cruzar hoje? (ST)

2ª leitura – Colossenses 3.1-4

Qual é a finalidade da proclamação na Páscoa? Leia a coleta da Páscoa no LOC p.122. É para dizer que um cadáver foi ressuscitado? Não! O objetivo é duplo: (1) anunciar o poder e a fidelidade de Deus, a sua vitória sobre a morte, (2) a consequência ética na vida de quem aceita, reconhece a fidelidade divina e tem gratidão por ela, (ver o prefácio da Ressurreição no LOC: "... cumpre-nos louvar-te"... LOC p.101).

O texto designado se apresenta na forma de exortação ou encorajamento para a vida cristã baseada na afirmação na fidelidade divina. Supõe-se a conexão entre os que crêem e a ressurreição de Cristo. Essa conexão em que o Ressuscitado tem o domínio de vida e amor sobre os seus já foi enunciada em termos de Batismo em 2.12 (ver também 1.13). Há um vínculo batismal indissolúvel. Por isso, o autor está dizendo: mostrem na vida essa relação.

"Buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está assentado", "pensai... não nas coisas que são aqui da terra". Trata-se da metáfora da transferência do domínio (reinado) e não de topografia. Anteriormente, o autor se referiu a essa transferência por meio do que foi dito na libertação de Israel (Cl 1.13//Ex 6.6). "Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor", como parte da ação de graças. "Alto" aparece na conversa entre Jesus e Nicodemos. Ali, "nascer do alto" equivale a "nascer de Deus". O Alto é uma maneira de se referir a Deus. Jesus Cristo ressurreto "sentado à direita de Deus" significa que o Pai declarou e exaltou a sua missão realizada. O seu domínio é esse, de amor, de transformação, reconciliação e paz. É proveitoso observar que a destra ou a mão direita de Deus é uma metáfora de sua ação libertadora, principalmente, dos oprimidos e, também, criadora (ver Sl 17.7; 60.5; Is 48.13, "minha destra fundou a terra e estendeu os céus"). A releitura do Salmo 110 afirma que a direita de Deus foi messianicamente aplicada a Cristo (Mt 22.41ss.). (Ver referência à direita de Deus em Rm 8.34; Ef 1.20; Hb 1.3,13). Em resumo, o "alto" e "à direita de Deus" são metáforas da natureza e do propósito de um só Deus Criador, Redentor e Santificador. Por isso a perspectiva, o alvo da vida cristã, deve estar dirigida para ali, neste mundo, porém livres do poder escravizador, ou em luta contra o mesmo (ver 2.20-21). E a exortação está no sentido de assumir o novo relacionamento com Deus, como quem morreu com Cristo e com Ele foi ressuscitado. Para tanto se requer que nossa vida repouse na plenitude da realização divina. Aqui se deve observar certa diferença entre Romanos 6



e Colossenses. Lá, o apóstolo Paulo fala na esperança da participação dos que crêem na ressurreição de Cristo. Aqui o autor fala na participação cristã como uma realidade presente. Por outro lado, no vs. 4, a nossa presente identificação com o Ressuscitado é, antes, uma antecipação da plenitude. A nossa vida está oculta em Cristo e quando (temporal e não espacial) Cristo manifestar... Vivemos o presente pela fé com a liberdade da fé.

A Páscoa então nos dá a direção para todos. Um dos pontos salientados nesta carta é crescimento da vida com Deus e uns com os outros em ação de graças pela parte que nos cabe na "herança dos santos" (1.12; 2.6-7). Para ser pessoa eucarística é preciso sair de si mesmo e ter o seu centro em Deus que ressuscitou Jesus, o qual nos dá comunhão, comunidade com outros e não considerar-se dono de sua existência. Essa abertura eucarística, "saída", êxodo de nós mesmos está no poder da ressurreição de Cristo e abarca todas as dimensões da vida e ações cristãs (3.17). Essa abertura de relação transformadora deve ter como árbitro da paz e vínculo de amor (3.14-15). Assim, a celebração pascal não será episódica, acessória, mas constitutiva da Igreja e é a perspectiva da qual nós vemos e revemos todas as coisas, inclusive sobre o que falamos a respeito de Deus, da Igreja e da moralidade.

A Páscoa é um momento mais oportuno e adequado para a renovação de nossa aliança Batismal.

2º comentário de Colossenses - 3:1-4

O dia de hoje é especial por várias razões. Uma delas é que, no dia de hoje nos lembramos de que, ao sermos batizados, passamos a participar da ressurreição de Cristo (2:12). Paulo espera que todos os batizados se comportem como pessoas que já vivem na experimentação da ressurreição, em uma vida ressurreta, ou seja, em uma nova vida. Lembrar que Cristo está vivo é lembrar que nós também devemos viver e nos comportar como vivos, e não ter os mesmos padrões daqueles que estão mortos e se deixam dominar pelos valores da morte, ou seja, da disjunção e da separação. Há, no texto de hoje, uma frase de ligação entre a idéia geradora de Paulo e as conseqüências esperadas da nova vida. Esta frase é: "Se fostes ressuscitados com Cristo". Se estamos no gozo, com Cristo, de uma nova vida, algumas conseqüências se tornam corolários.

Em primeiro lugar, passamos a buscar as coisas "do alto" (3:1). O texto no grego, traduzido por "buscar" significa orientar a vontade e o desejo para um alvo. Com isto em mente, devemos compreender que, uma vez que já ressuscitamos com Cristo, devemos entender que agora já participamos de sua exaltação cósmica, e que em função disso, não devemos nos deixar guiar por idéias e valores próprios do império da morte e do pecado, ou seja, do "princípio da separação". Ao contrário, nossas intenções, nossos alvos e nossos desejos, são agora orientados para um outro alvo: o alto. De lá, vem os novos valores que dirigem uma nova vida e que orientam novas atitudes das pessoas que estão em Cristo.

Em segundo lugar, passamos a pensar nas coisas do alto (3:2). A expressão "pensar nas coisas do alto", aponta para algo mais sério do que apenas um exercício mental sem qualquer conseqüência. Ela fala de uma motivação que determina uma



linha de pensamento e de ação. Ou seja, ele fala de um tipo de raciocínio operacionalizável, de uma razão prática. Pensar nas coisas do alto significa que “o alto” deve inspirar nossa prática e nossa ação. Significa que devemos procurar “no alto” os critérios e padrões pelos quais deveremos viver. E são estes os critérios e os padrões que orientaram a vida e as escolhas de Jesus. A consequência natural desta reflexão é que, os mesmo valores que orientaram as ações de Cristo devem também orientar as nossas. Mas acredito que há algo mais em jogo na expressão “pensar nas coisas do alto”. Acredito que somos convidados, não simplesmente a pensar “nas coisas” que estão no alto, mas a pensar “da maneira”, ou seja, com os novos padrões que transcendem a nossa realidade. Humanamente falando, vivemos sob o domínio do “paradigma disjuntivo” que a tudo cinde e divide. A isto chamamos morte. Do alto, contudo, aprendemos a raciocinar de forma diferente. De lá nos vem uma outra forma de raciocínio que não divide, mas une; que não cinde, mas ajunta, que não rompe, mas congrega; este novo padrão de pensamento deve estar presente naqueles que já venceram a morte e que, agora, raciocinam com a “mente de Cristo”. E a mente de Cristo, é a mente que nos faz ver, compreender e desenvolver nossos pertencimentos, nossas ligações, nossas conexões, tanto com a “teia da vida” (Capra) e com o universo, mas também com o Corpo de Cristo.

Em terceiro, e último lugar, passamos a esperar a manifestação em glória (3:4). Neste verso Paulo lança sua argumentação para o futuro. Ele fala de sua crença em uma *parousia*, ou seja, em uma chegada de Cristo, e da participação da Igreja neste momento de glória e de exaltação em que novos céus e nova terra existirão. Este texto, portanto, nos fala de um aspecto fundamental na vida da Igreja: a sua dimensão utópica. A Igreja deve, por natureza, manter a esperança, mas, como nos diz o próprio Paulo, esta é uma esperança contra a esperança. Ou seja, quando todos nos dizem que já não há mais no que crer, a Igreja de Jesus reafirma sua fé em um Reino que virá e que transformará os reinos deste mundo no Reinado do nosso Cristo. A Igreja tem um papel importante neste reino e este papel começa quando renascemos em Cristo, e quando assumimos nossa missão.

Hoje, não é simplesmente um dia em que celebramos que Cristo está vivo, é o dia em que celebramos nossa vida “em Cristo”. (JLFA)

Santo Evangelho - Lucas 24:1-10

“Porque vocês estão procurando entre os mortos aquele que vive?”.

A vida toda é cheia de símbolos. Os símbolos não são mera ficção. Eles carregam dentro de si conteúdos que não podem ser percebidos pela maioria dos seres humanos, e que por causa disso não deixam de ser reais e verdadeiros. Temos aqui a confrontação das mulheres com o túmulo vazio. Estamos diante do símbolo de que a vida vence a morte.

Esta é a base da Ressurreição. Esta verdade está acima daqueles que acreditam ou não acreditam na ressurreição corpórea de Jesus Cristo. O Cristo que é o encontro do divino com o humano, através deste símbolo nos ensina que n’Ele a vida derrota a morte. Entretanto a percepção disto não é para todos, mas sim para aqueles que



tocados pelo Espírito, tiveram sensibilidade para percebê-lo. Para perceber esta verdade é necessário que tenhamos nascido de novo. Caso contrário ficaremos amedrontados como aquelas mulheres ficaram. (GSL)

2º comentário ao evangelho:

Lucas 24 É uma narrativa cheia de surpresas e desafios. Do ponto de vista das autoridades religiosas que condenaram Jesus já não tinham que se preocupar com aqueles que violavam as regras e os contornos da "comunidade santa" por causa do anúncio da chegada do reinado de Deus por parte de Jesus e, em sinal, disso, da hospitalidade à sua mesa de todos os que eram considerados fora da comunidade santa. Pensaram que o haviam confinado à sepultura. No entanto, para o desafio delas, no prosseguimento da narrativa de Lucas, no seu segundo livro, esse mesmo Jesus é apresentado como o Ressuscitado que perdoa seus pecados (At 3.14-15, 17,19-20) e traz a cura às pessoas e à comunidade.

As mulheres movidas pela fé e devoção foram terminar o que José de Arimatéia não pôde fazer no dia anterior: unguir o corpo de Jesus para o seu sepultamento. Ali elas encontraram o que não esperavam - "Ele não está aqui, mas ressuscitou". Elas haviam testemunhado que ali foi colocado o seu corpo. Esse testemunho passou por uma transformação sendo lembradas do que Jesus disse ainda na Galiléia: "importa que o Filho do Homem seja entregue...". Isso acontece em nossa caminhada de fé diariamente. Diante de uma crise podemos estar procurando Jesus em lugar errado. Naturalmente, procuramos o Ressurreto onde acreditamos que ele esteja e é possível que estejamos O procurando no túmulo. É preciso, portanto, rever as "experiências" da fé, que, no passado, falaram eloquentemente para cada um de nós. Elias, no auge de sua crise foi levado ao monte Horebe para se encontrar com Deus e houve tempestade, terremoto e fogo, símbolos relacionados com a manifestação divina no êxodo e no Sinai, por isso, familiarizados, Mas Deus não estava ali e sim na palavra silenciosa (1Rs 19.11ss). Nossas experiências fazem parte da riqueza espiritual, mas elas não podem "aprisionar" a liberdade de Deus.

As mulheres foram lembradas de que Jesus havia dito que o fato de ser o Cristo, o Messias, está estreitamente ligado a rejeição pelas autoridades religiosas, após a confissão: "Tu és o Cristo" (Lc 9.22 e ver, também, o vs. 44 e 18.32). Com elas somos, também, lembrados hoje de que a ressurreição não só ilumina, mas aprofunda a nossa compreensão da vida e do ministério de Jesus que, nela e por ela, são efetuados e revelados como seu ponto culminante. A sua ressurreição é a confirmação da companhia e identificação divinas com a acolhida que Jesus deu aos excluídos, aos "transgressores" (principalmente nas estórias da mesa e das parábolas), identificação na carne, na rejeição e abandono culminantes na cruz e da imagem de Deus decorrente disso ou nisso revelada. As mulheres inaptas, por definição da época, para ser testemunhas, foram feitas as primeiras testemunhas da ressurreição, sem a qual não existe a Igreja. Isso por si só já é confirmação da "imagem" de Deus aqui e ali insinuada e da nova visão da humanidade.

Na série de três narrativas da ressurreição do Senhor, em Lucas, esta primeira, ressalta o túmulo vazio (ausência) e não a aparição do Ressurreto. Na riqueza da



pluralidade, é importante que o túmulo vazio e a aparição aos "líderes" sejam lidos lado a lado de modo que a "legitimação" da proclamação, do movimento e seu processo de "institucionalização" e "subversão" dos mesmos pela ausência sejam equilibrados e que o Crucificado-Ressuscitado seja sempre o juiz da Igreja e do mundo e não seja Ele "absorvido" e domesticado como sugere R. Williams (*On Christian Theology*, pp.183-196). Sob esse aspecto é interessante observar que as mulheres foram feitas as primeiras testemunhas da ressurreição. (ST)